

*De Abraham Lincoln a Roosevelt: o processo de transição do eleitorado negro do Partido Republicano para o Democrata nas páginas do Chicago Defender (1920-1940)**

FLAVIO THALES RIBEIRO FRANCISCO**

Universidade de São Paulo

Resumo: O objetivo deste artigo é o de retratar o processo de transição do eleitorado negro do Partido Republicano para o Partido Democrata durante o *New Deal* através do jornal afro-americano *Chicago Defender*. Este foi o principal periódico da imprensa negra nos Estados Unidos no período entre guerras. O jornal reproduziu um imaginário que sacralizou a figura de Abraham Lincoln e apoiou os candidatos do Partido Republicano em eleições nacionais e, principalmente, locais, na cidade de Chicago. A Grande Depressão, entretanto, criou uma conjuntura na qual o eleitorado negro questionou a postura dos republicanos e passou a considerar o Partido Democrata como uma alternativa, ainda que os democratas do Sul continuassem a apoiar a segregação racial.

Palavras-chave: Imprensa Negra; Estados Unidos; *New Deal*.

Abstract: The aim of this article is to demonstrate the transition of Black voters from Republican Party to Democratic Party during the *New Deal* through the African-American newspaper *Chicago Defender*. This periodic was the leading newspaper among Black Press in the interwars years. The *Chicago Defender* displayed an imaginary that worshiped the President Abraham Lincoln and supported the Republican candidates in national and local elections in Chicago. The Great Depression, nevertheless, was a watershed in the politics. Black voters questioned some actions taken by republicans politicians and regarded the Democratic Party as an alternative for social progress, though democratic politicians continued to segregated Blacks in the South.

Keywords: Black Press; United States; New Deal.

* Recebido em 10 de julho de 2016 e aprovado para publicação em 8 de dezembro de 2015.

** Doutor pelo Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade de São Paulo. Artigo vinculado ao projeto de pesquisa intitulado “Modernidade afro-americana e as representações sobre a fraternidade racial brasileira e francesa no jornal *Chicago Defender* (1916-1940)”, financiado pela Fapesp. Pesquisador membro do Laboratório de Estudos das Américas (LEHA-USP).

Introdução

Em 2008, a eleição do presidente Barack Obama desencadeou uma série de interpretações sobre a experiência afro-americana nos Estados Unidos, algumas delas associando diretamente a ascensão de um presidente negro ao Movimento pelos Direitos Civis, outras tratando especificamente dos programas de ações afirmativas nas universidades norte-americanas e da formação de uma elite negra no país. Em meio à euforia pelo fenômeno Obama, alguns democratas enfatizaram a longa relação entre o Partido Democrata e o ativismo negro nos Estados Unidos, ressaltando a lealdade do eleitorado negro ao partido em várias eleições presidenciais.

Essa relação, contudo, foi marcada por tensões, revelando, muitas vezes, mais a rejeição aos republicanos do que um entusiasmo com o partido de John Kennedy e Bill Clinton. Em termos históricos, as identidades atuais de republicanos e democratas são recentes, se configurando ao longo dos anos 60, para o caso dos democratas, e 70, para os republicanos. A origem do Partido Democrata está relacionada à administração do presidente Andrew Jackson, com ampliação do eleitorado, até então limitado por critérios de renda e propriedade. O Partido Republicano emergiu com a participação de antiescravistas em suas fileiras, promovendo uma tensão maior entre os defensores do sistema escravocrata e os que enfatizavam a importância de territórios livres da escravidão.

O objetivo deste artigo é o de retratar o processo de transição do eleitorado negro do Partido Republicano para o Partido Democrata durante o *New Deal*. Para tal, além de mobilizarmos a bibliografia sobre assunto, utilizaremos fragmentos do jornal *Chicago Defender*. Esta publicação foi a mais importante entre os afro-americanos no período entre guerras, com uma circulação em território nacional. O semanário foi um dos primeiros periódicos negros a incorporar recursos do jornalismo moderno, com hierarquização de notícias, utilização de imagens e publicidade. O *Chicago Defender*, que teve como idealizador e editor Robert Abbott, cumpriu um papel importante na divulgação de informações para os negros de Chicago nas eleições, associando sempre a imagem idealizada de Abraham Lincoln ao Partido Republicano. Assim, alguns registros do jornal que serão

apresentados aqui são importantes para ilustrar o adeus dos eleitores ao partido de Lincoln e o início de uma tensa aliança com democratas na perspectiva da militância negra.

Aliança entre negros e republicanos na Reconstrução

A escravidão nos Estados Unidos foi abolida durante a Guerra Civil (1861-1865), em um confronto sangrento entre estados sul e do norte em torno da manutenção e expansão do sistema escravista. A eleição de Abraham Lincoln mobilizou as lideranças do sul que temiam uma possível supressão da escravidão, já que o Partido Republicano surgira da articulação de políticos antiescravistas. Assim, alguns estados do sul iniciaram um processo de secessão, desafiando a autoridade da União com a formação de uma confederação e provocando a reação do governo dos Estados Unidos (McPHERSON, 1988). O avanço das tropas do norte sobre as sulistas provocou uma fuga em massa de escravos que compreendiam que a presença dos soldados representava o desmonte do sistema escravista. Assim que o conflito se encerrou, com a presença de tropas federais nos estados rebeldes, os primeiros passos foram dados para a difícil transformação dos libertos em cidadãos norte-americanos.

No período de Reconstrução (1865-1877), se constituiu uma aliança entre o Partido Republicano e a população negra a partir de uma agenda de inclusão social e econômica dos libertos (FONER, 1988). Esse é um momento marcado por avanços em algumas esferas, que possibilitaram a formação de uma classe de políticos e intelectuais no Sul do país, estabelecendo as bases, ainda que precárias, para a formação de lideranças negras. A Agência dos Libertos cumpriu uma importante função na administração de recursos para a integração de milhares de libertos à democracia norte-americana. Neste período foram criadas as primeiras universidades negras do país como a Fisk (1866) e Howard (1867), além de uma série de instituições voltadas para uma educação técnica, capacitando os trabalhadores. A expressão “40 acres e uma mula” alimentou a esperança da população negra que vivia da agricultura, a posse da terra e a criação

de animais poderiam ser consideradas um primeiro passo para a liberdade efetiva nas comunidades do Sul. A proposta da Agência dos Libertos era a de utilizar terras públicas e confiscadas para assentar os libertos.

As iniciativas da instituição, contudo, foram comprometidas pelo presidente Andrew Johnson, que em disputa com os republicanos radicais do congresso, tomou a posição de proprietários brancos do sul preocupados em restaurar ou recriar uma ordem capaz de controlar a mão de obra dos libertos. Apesar das limitações impostas ao poder executivo, o substituto de Abraham Lincoln conseguiu afetar de maneira contundente a Agência dos Libertos, desestruturando o processo de confisco de terras nos estados do sul. Uma agenda política que tinha como objetivo formar uma classe de agricultores negros logo foi substituída por uma rede de entidades filantrópicas e organizações negras que operaram em regime de urgência, distribuindo alimentos, roupas e medicamentos. Voluntários negros e brancos cumpriram uma função importante na reunião de famílias, na criação de postos de trabalho e na educação de adultos e crianças num contexto de superação de um sistema baseado no trabalho escravo.

Em meio a esse conjunto de iniciativas, foi criado também o Banco dos Libertos, que tinha como função primordial administrar depósitos e promover uma cultura de poupança entre os libertos. O projeto foi aprovado pelo congresso em 1865, e assinado ainda pelo presidente Abraham Lincoln. O banco iniciou suas operações de maneira discreta e limitada ao Distrito de Washington. Entretanto, já no final de 1866, nove filiais haviam sido inauguradas. Um dos principais motivos da expansão do Banco dos Libertos foi o rumor de que Lincoln havia pessoalmente apoiado a iniciativa, revelando a força da imagem do presidente associada à integração social dos negros (FRAIZER, 1997). Apesar do sucesso na atração de libertos dispostos a depositar suas poupanças, o banco não sobreviveu a uma administração que se envolveu em inúmeros casos de especulação. Frederick Douglass, liderança histórica do abolicionismo, foi convocado para reorganizar as finanças da instituição, mas as reformas não foram suficientes e as atividades foram encerradas em 1874. Apenas os principais clientes conseguiram recuperar parte dos investimentos, a grande maioria acompanhou melancolicamente as suas economias desaparecerem com o projeto.

Entre retrocessos e avanços, é possível observarmos durante a Reconstrução a formação de uma classe de trabalhadores negros livres que articulados à Agência dos Libertos ou engajados em lutas individuais no cotidiano confrontaram todas as tentativas de autoridades e grandes proprietários de terras de submetê-los ao trabalho forçado. Entretanto o ímpeto dos republicanos radicais não foi suficiente para enfrentar as forças da supremacia branca no Sul dos Estados Unidos. A partir de 1877, com o esgotamento das políticas de integração, leis de segregação racial, tentadas desde 1865 com os *Black Codes*, enfim se disseminaram pelas comunidades sulistas, abreviando o sonho de milhões de negros com a participação efetiva na democracia norte-americana (FREDERICKSON, 1981). Em cidades onde emergira uma classe de políticos negros, um conjunto de leis e iniciativas foi aplicado para afastar a população negra do processo eleitoral. Os linchamentos e enforcamentos tornaram-se práticas comuns em algumas regiões do Sul dos Estados Unidos, reforçando uma hierarquia racial rígida através da definição do lugar marginal dos negros.

Apesar do fracasso dos republicanos radicais, o partido continuou a frequentar o imaginário dos negros como aquele capaz de prover a liberdade e a integração racial. A emergência do líder negro Booker T. Washington, de certa forma, ajudou a reforçar esta imagem do Partido Republicano. Washington, que nasceu em 1856, ainda no período da escravidão, na Virgínia, se transformou em modelo de ascensão social no sul segregado. A sua trajetória foi marcada pelas instituições de ensino técnico no período da Reconstrução, inicialmente como estudante do tradicional Hampton Institute e posteriormente como diretor do Tuskegee Institute. A sua abordagem enquanto líder foi bastante controversa, já que Washington reconhecia a segregação racial e formulava as suas estratégias para os negros a partir do “estilo de vida” do Sul, não confrontando o racismo (WASHINGTON, 1995). Contudo, a sua agenda de promoção da educação técnica e de um empreendedorismo negro teve ressonância em várias comunidades negras sulistas e entre filantropos brancos que apreciavam a sua moderação, possibilitando o financiamento de seus projetos e a difusão de seus ideais para todos os negros dos Estados Unidos.

O seu sucesso o aproximou dos presidentes, o republicano William McKinley visitou o Tuskegee Institute em 1898, elogiando o trabalho realizado na instituição e tratando Washington como um dos “grandes líderes da raça negra”. Theodore Roosevelt, que assumiu a presidência após o assassinato de McKinley, deu um passo ainda maior ao convidar Booker T. Washington para um jantar na Casa Branca - nunca um negro havia participado de um evento do mesmo gênero. Roosevelt esteve muito longe de ser um defensor da população negra e um opositor ferrenho da segregação racial, mas o seu gesto teve grande impacto simbólico para os negros, que celebraram o sucesso de Washington, e muitos brancos, que se sentiram ultrajados (DAVIS, 2012). A percepção foi a de que o jantar poderia ser uma iniciativa de promoção da igualdade racial, mas o presidente, embora prezasse pela figura do líder, nunca acreditou na capacidade política dos negros. Ainda assim, o estreitamento das relações entre Booker T. Washington e Theodore Roosevelt acabou rendendo a indicação de alguns negros para cargos no governo, reforçando o prestígio dos republicanos entre a população negra.

Grande Migração, imprensa e a incorporação dos negros às máquinas eleitorais

Na primeira década do século XX, Booker T. Washington passou a ser questionado por uma nova geração de militantes negros que emergiram em meio ao processo de formação das comunidades negras nas cidades do norte. William Dubois, intelectual que teve grande atuação neste período, transformou-se em um dos principais oponentes de Washington, considerando a sua abordagem um retrocesso em uma tradição de lutas entre os afro-americanos (DUBOIS, 1999). DuBois teve papel proeminente na articulação da National Association for Advancement of Colored People (NAACP), uma organização formada por lideranças negras e brancos liberais que encampava ações no sentido de promover a igualdade de direitos na sociedade norte-americana. A NAACP emergiu como uma das principais referências de uma militância que passaria ser conhecida pelo

termo *New Negro*, que defendia uma nova postura diante da supremacia racial, criticando as práticas que estruturavam a segregação racial no país. A geração do *New Negro* foi marcada por um amplo espectro político - além do integracionismo da NAACP -, como o pan-africanismo de Marcus Garvey, jamaicano com grande prestígio no Harlem e defensor do retorno dos negros ao continente africano, e o caribenho Hubert Harrison, importante figura entre os negros socialistas que lutaram contra o capitalismo como forma de desestruturar o racismo norte-americano.

Como pano de fundo da ascensão desta nova geração de militantes, temos a Grande Migração, com o deslocamento de trabalhadores negros dos estados do Sul para os estados do Norte, que se acentua durante a Primeira Guerra Mundial (GROSSMAN, 1989). O conflito na Europa não somente interrompeu o fluxo de imigrantes, como também tirou do mercado de trabalho um número considerável de trabalhadores que foram convocados para a guerra, abrindo brechas para os negros sulistas. Cidades como Detroit, Nova Iorque, Boston e Chicago tiveram um enorme crescimento da população negra, com a formação de comunidades que se transformariam em espaços importantes para a atuação das lideranças citadas acima. Esse fenômeno também possibilitou a organização de uma vigorosa imprensa negra, que a partir da segunda década do século XX, passou a contar com uma base maior de leitores e a operar de maneira profissional. Os periódicos negros do sul dos Estados Unidos tiveram dificuldades para circular, devido à vigilância de racistas que frequentemente espinafavam as redações dos jornais.

O jornal *Chicago Defender* nasce neste contexto de renovação política entre as organizações negras e mudanças demográficas nas principais cidades do país. O seu fundador e editor teve uma trajetória pessoal que poderia representar as experiências de milhares de negros que se deslocaram neste período. Robert Abbott nasceu em Savannah, no estado da Geórgia, e se mudou para a cidade de Chicago em busca de oportunidades. Após a tentativa frustrada na área do direito, resolveu aplicar o sua experiência anterior com a imprensa na publicação do jornal *Chicago Defender* em 1905. O periódico durante os primeiros anos de circulação teve uma tiragem de 300 exemplares, circunscrita a algumas esquinas da cidade. A Grande

Migração fez florescer uma comunidade negra efervescente que ampliou drasticamente o público alvo do semanário negro, transformando uma modesta folha de Chicago em um jornal de circulação nacional em 1920. O *Chicago Defender* foi o principal periódico afro-americano no período entre guerras, mas teve competidores do mesmo calibre ao longo de sua história como o *Negro World*, *Baltimore Afro-American*, *The Crisis* e o *Pittsburgh Courier* (JORDAN, 2001). Todas essas publicações foram fundamentais para a formação de uma esfera pública negra, na qual as agendas das organizações políticas eram difundidas entre o público afro-americano.

As informações publicadas nos jornais geralmente tinham relação com o cotidiano das comunidades negras e a atuação da militância. Os grandes eventos nacionais ganhavam espaço nas páginas dos periódicos quando tinham impacto direto sobre a população afro-americana, como o envolvimento do país em conflitos internacionais. Na Primeira Guerra Mundial, os órgãos da imprensa negra acompanharam de perto o treinamento dos soldados negros e posteriormente as suas experiências nas frentes de combate, sempre com a expectativa de que a atuação pudesse garantir como retribuição políticas de promoção da igualdade de direitos por parte do governo norte-americano. As eleições locais e presidenciais também tiveram grande repercussão, principalmente entre os jornais que participavam de campanhas eleitorais e promoviam candidatos em suas páginas. O *Chicago Defender*, apesar de aconselhar o seus leitores a manter uma certa autonomia com relação a partidos e candidatos, participou ativamente de campanhas em algumas eleições, revelando a importância da imprensa como instrumento político.

Na leitura do periódico de Robert Abbott logo se percebe a sua tendência republicana, com a reprodução da representação de Abraham Lincoln como um dos defensores da liberdade e integração dos negros nos Estados Unidos, através de imagens do presidente ao lado de tropas negras na Guerra Civil, celebrações da sua data de nascimento, além do anúncio de várias instituições negras que levavam o seu nome. O período da Reconstrução, como acompanhamos anteriormente, foi decisivo na orientação do eleitorado negro, que passou a associar o Partido Democrata ao processo de formação da supremacia racial no pós-abolição. Em 1919, o

jornal, em seu editorial, acusava os democratas de explorar a divisão racial para fins eleitorais, consolidando o poder do partido pelos estados do sul:

Após as vitórias democratas de 1874, uma propaganda foi difundida com o intuito de enganar o público sobre a situação do Sul. A destruição dos governos republicanos existentes através de métodos ilegais foi do interesse de democratas, mas a verdade é que essa propaganda tem o objetivo de fazer o público acreditar que havia uma defesa da supremacia branca para evitar o domínio dos negros. O esquema funcionou perfeitamente, a presença do Partido Republicano no Sul é nulo, nós perdemos o direito de voto e aquela vasta região abaixo da linha Mason e Dixon, chamada de “Sul sólido”, é o sólido democrata (*Chicago Defender*, 17 de maio de 1919, p. 24).

Se nos estados sul a população negra marginalizada foi afastada do processo eleitoral, nas grandes cidades do norte os migrantes negros dominaram bairros e foram incorporados às máquinas eleitorais que já haviam sido estruturadas em torno das comunidades de imigrantes europeus ao longo do século XIX. Em Chicago, a prática segregacionista de manter os negros circunscritos a uma área restrita da cidade criou um cinturão negro, acomodando-os em um espaço delimitado pelas diferenças raciais e étnicas que orientavam as dinâmicas sociais, essa concentração populacional despertou o interesse de políticos (REED, 2005). Já em 1870, a ainda pequena comunidade negra contava com um grupo de políticos inseridos em redes clientelistas, possibilitando o acesso a cargos de segunda classe e, em algumas circunstâncias, a disputa pelo cargo de deputado na Assembleia Geral do estado de Illinois. Em 1876, John W.E. Thomas, que emergiu como um grande educador negro em Chicago, foi eleito deputado pelo Partido Republicano, apoiado por uma base interracial.

A Grande Migração possibilitou a operação dessa rede clientelista entre negros e republicanos em uma dimensão maior. Oscar DePriest, primeiro negro eleito para a câmara de Chicago, explorou bem o potencial do cinturão negro, elegendo-se deputado federal em 1928. Na cidade, De Priest foi considerado um dos grandes líderes negros na política e referência de

sucesso, a sua reputação atraía inúmeros admiradores quando caminhava pelo seu distrito eleitoral. No Congresso, o político logo ganhou uma projeção nacional e se transformou em símbolo da luta contra a violência e a segregação racial (REED, 1982). Nas disputas internas do partido, entretanto, era tratado como um grande oportunista que calculava friamente os seus passos, jogando com interesses da comunidade negra e dos republicanos. A atuação de Oscar De Priest, de certa forma, representou o modo de fazer política de outros políticos negros do período, apoiando a agenda do Partido Republicano desde que os direitos da população negra não fossem violados.

O *Chicago Defender* contribuiu com o funcionamento dessa rede formada por negros republicanos e durante as eleições colocou-se como um dos representantes da população negra da cidade. O periódico apoiou uma das máquinas eleitorais mais importantes da história de Chicago, liderada pelo político William Thompson, que foi eleito prefeito quatro vezes entre 1915 e 1931. O “Big Bill” incorporou os negros à sua base política, já formada por imigrantes, principalmente os italianos (GUGLIEMO, 2004). O apoio ao poderoso político republicano rendeu a indicação a cargos para alguns negros de Chicago, porém esta articulação não foi suficiente muitas vezes para confrontar grupos interessados na marginalização dos negros. No período de eleições, no entanto, o *Chicago Defender* demonstrou em muitas ocasiões entusiasmo com as eleições locais. Em 1919, o periódico celebrou a vitória de William Thompson, atribuindo-a ao seu próprio empenho na mobilização do eleitorado negro:

Essa é uma vitória não somente para Thompson, mas para o *Chicago Defender* também. Esta afirmação é evidenciada por uma manchete com título em negrito na edição de quarta que dizia: “NEGROS VOTEM EM BIG BILL”, enquanto todos os outros jornais dolorosamente admitem que foi o voto de nosso grupo de pessoas que aniquilou as forças combinadas da oposição. A modéstia nos impede de alegar que “o Maior Semanário do Mundo” tem mais influência política do que todos outros jornais diários combinados, mas são os resultados que contam. (*Chicago Defender*, 5 abr. 1919, p. 1)

O *Chicago Defender* também apoiou a candidatura do presidente republicano Calvin Coolidge, que assumiu o governo após a morte de Warren Harding em 1923 e concorreu a presidência contra o democrata John W. Davis e o progressivista Robert La Follette em 1924. O periódico, mais uma vez, como era comum em debates eleitorais, recontextualizou a disputa em uma narrativa de clivagem de longos anos entre republicanos e democratas em torno da integração racial que havia sido “interrompida” com o fim da Reconstrução. Nesse sentido, foram mobilizadas representações de um Partido Republicano que lutou efusivamente pela igualdade de direitos no Sul e um Partido Democrata que articulou as forças segregacionistas que estruturaram a supremacia racial. Coolidge foi apresentado como um político sensível às questões raciais e preparado para os desafios que seriam enfrentados para a promoção do progresso entre a população afro-americana, o voto em um outro candidato, principalmente o democrata, significava o apoio, ainda que indireto, a hierarquia racial que se estruturava de forma violenta:

Violência, linchamento e servidão fazem parte da política dos democratas do Sul, isso foi demonstrado no último debate sobre a proposta de Lei Antilinchamento. Oscar Underwood, com apoio sólido dos senadores democratas do Sul, Norte, Leste e Oeste, ameaçaram paralisar o governo se os republicanos insistissem na aprovação da lei. A democracia sulista se sustenta na força, nos assassinatos e na fúria das multidões para manter o Sul sólido. A organização democrata Tammany Hall, com o uso de dinheiro e trabalho, procura atrair o voto dos negros do norte, mas é preciso sempre lembrar que o Partido Democrata é um só, um voto em Nova Iorque significa um apoio para o linchamento no Alabama e o incêndio de negros na Geórgia. Os negros não se venderiam, todos os nossos problemas nacionais têm relação com os democratas, somente depois que o partido se arrepender e purificar-se é que poderá ter a esperança de contar com o voto dos negros (*Chicago Defender*, 18 de outubro de 1924, p. 11).

Apesar dos editoriais e imagens que tentaram transformar o candidato republicano em um defensor dos afro-americanos, a atuação de Coolidge como presidente esteve longe de representar o perfil de um político compromissado com a questão racial. Sob a sua administração, a segregação racial se expandiu para cerca de dez departamentos, com a participação de burocratas acusados de pertencerem à Ku Klux Klan (O'REILLY, 1995). Os republicanos tinham a noção da importância do voto dos negros do Norte, Coolidge recebeu várias lideranças na Casa Branca, mas o presidente não fez mais do que alguns modestos gestos simbólicos. Se por um lado os republicanos difundiam a mensagem de que lançariam mão de todos os recursos políticos para afirmar os direitos dos negros onde fossem eleitos, por outro procuravam não ofender a sensibilidade dos racistas nos estados sulistas. Coolidge ignorou sistematicamente a agenda dos ativistas negros, indicando sempre um assistente para administrar a questão racial de forma secundária.

Walter White, importante líder do NAACP, ainda na administração do presidente Coolidge percebeu que os republicanos cortejavam o voto antinegro do Sul, prevendo que no futuro os negros seriam atraídos pelas máquinas eleitorais democratas do Norte (Idem, *Ibidem*). Nas eleições de 1928, o *Chicago Defender* não apoiou publicamente o candidato republicano, restringindo a sua cobertura das eleições a algumas informações sobre a agenda dos presidenciáveis. De fato, o periódico não tinha motivo para se entusiasmar com a campanha de Herbert Hoover, que não escondeu a sua estratégia de explorar a fé católica de seu oponente, apostando na rejeição sulista a um candidato não protestante. O democrata Al Smith, além da questão religiosa, tinha que administrar o fato de ser um político do Norte e sem conexão com as redes do seu partido que estavam alinhadas a autoridades segregacionistas. De maneira pouco organizada, os ativistas procuraram dividir o voto negro entre republicanos e democratas, manifestando a insatisfação com ambos. A tendência de afastamentos das lideranças do Partido Republicano se acentuaria nos próximos anos, ainda que a população tivesse esperança no partido de Lincoln e votasse em peso nos republicanos (GURIN, 1989).

A virada para o Partido Democrata

A década de 1920 nos Estados Unidos é conhecida pelo termo “Era da Normalidade”, um período no qual a recessão econômica após a Primeira Guerra Mundial foi superada e os norte-americanos experimentaram um momento de euforia com grande crescimento econômico, restabelecendo uma normalidade imaginada e essencialmente “americana” com a diminuição dos gastos estatais e o subseqüente incremento da indústria e do comércio, combinados ainda com a celebração de valores como simplicidade, fé e trabalho duro. Os governos dos presidentes republicanos Warren Harding e John Calvin Coolidge foram marcados pela prosperidade na economia e profundas mudanças sociais. Por um lado, o capitalismo norte-americano demonstrava o seu vigor através da indústria automobilística com a ascensão de Henry Ford como ícone de *self-made man*. O carro modelo Ford-T, das indústrias de Ford, foi concebido a partir de uma tecnologia que possibilitou o acesso de consumidores dos segmentos médios aos automóveis. Em 1926, cerca de 4.330.000 foram fabricados nas plantas industriais da Ford, General Motors e Chrysler, contribuindo para o congestionamento das avenidas das principais cidades do país. Por outro lado, a emergência de uma cultura consumista foi acompanhada por mudanças no estilo de vida da população perceptíveis na conquista do direito de voto das mulheres e no impacto do Jazz sobre a juventude norte-americana (PALMER, 2006).

No entanto, a margem de prosperidade para os negros foi restrita se comparada à sociedade em geral. Enquanto na década da normalidade o país cresceu em torno de 6 por cento ao ano, a trajetória da população negra foi marcada por avanços e retrocessos. No auge do entusiasmo norte-americano, a taxa de emprego já começava a declinar, principalmente entre os trabalhadores menos qualificados que já estavam habituados com a lógica do “último a ser empregado e o primeiro a ser dispensado”. Para a grande maioria dos negros a norma não era a da estabilidade, mas a de instabilidades causadas pela segregação e a discriminação. As barreiras raciais nos sindicatos limitavam a mobilidade social dos trabalhadores negros, inviabilizando uma inclusão efetiva na tal “normalidade americana” (GREENBERG, 2009).

Quando o crash da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929, encerrou o ciclo de prosperidade econômica, a situação da população afro-americana ganhou contornos ainda mais dramáticos. A crise devastou o sistema bancário, o comércio e a indústria, aprofundando as desigualdades sociais entre negros e brancos. Em 1929, cerca de 3 milhões de trabalhadores perderam os seus empregos e, no ano seguinte, os salários foram desvalorizados em cerca de 60 por cento (LIMONCIC, 2009; LAWSON, 2006). As taxas de desemprego revelavam o impacto do racismo no mercado de trabalho, atingindo cerca de 17 por cento de trabalhadores brancos e 38 por cento dos trabalhadores negros (GREENBERG, 2009). Na cidade de Chicago, que foi retratada como um refúgio do racismo pelo *Defender*, os negócios de grande parte dos empreendedores negros foram à falência. O Binga State Bank, símbolo da prosperidade negra do norte propagandeada pelo periódico negro, entrou para a lista dos 122 bancos administrados por negros que fecharam as portas no país durante a crise. Assim, população negra do norte, inserida em um mercado de trabalho mais dinâmico, encarou uma queda brusca na renda, passando a conviver com salários na mesma faixa que os trabalhadores negros do sul.

No *Chicago Defender*, notícias, artigos e editoriais não trataram da depressão econômica de maneira profunda, o periódico continuou a reproduzir a lógica da cobertura dos jornais da imprensa negra que restringiam as informações publicadas a temas específicos da população negra. Nas ocasiões em que criticou a administração de Herbert Hoover, o jornal ressaltou a falta de apoio do presidente à lei antilinchamento. No entanto, em 1933, ao perceber a dificuldade dos Estados Unidos em retomar o crescimento, o *Defender* reservou um espaço amplo em suas edições do mês de janeiro para discutir o impacto da crise sobre os afro-americanos. Philip Randolph, liderança negra socialista e presidente do sindicato dos trabalhadores negros do setor ferroviário, descreveu um quadro crítico para os negros dos Estados Unidos. O ativista iniciou o seu artigo com um debate de economistas sobre as crises cíclicas da economia, afirmando que a Grande Depressão era uma dentre as várias que afetaram o país ao longo do processo de consolidação do capitalismo. No entanto, Randolph revelou a sua preocupação com o tamanho da crise, afirmando que os problemas

poderiam se prolongar e aprofundar ainda mais o abismo social entre brancos e negros. O líder negro manifestou seu pessimismo ao comparar a situação da população afro-americana naquele momento ao dos libertos após a abolição:

Em nenhum momento da história do negro após o fim da escravidão as suas perspectivas econômicas e sociais foram tão desanimadoras. O atual presente com o desemprego está minando as bases da família e desfazendo anos de trabalho para o desenvolvimento da independência econômica.

Em Cincinnati, o pedido de auxílio entre negros subiu de 85 para 800 em dezembro de 1929 até 1931. Greensboro, na Carolina do Norte, os pedidos de auxílios cresceram 100 por cento em quatro meses. Em Chicago, os negros, ainda que sejam apenas 4 por cento da população, são 25 por cento das pessoas que fazem pedidos de auxílio, em Baltimore, 34 por cento; in Dayton, 50 por cento; na Filadélfia, 40 por cento e Pittsburgh, 40 por cento (*Chicago Defender*, 14 de janeiro de 1933).

A administração do presidente Franklin Roosevelt, eleito em 1932, foi marcada pela intervenção do Estado em várias áreas sociais e econômicas. Se no período anterior os presidentes republicanos se preocuparam em limitar as ações estatais com argumento de que a economia norte-americana cresceria sem os entraves causados pelo governo federal, as políticas de Roosevelt foram concebidas a partir de uma agenda de regulações - como no sistema bancário e nas relações trabalhistas - e investimentos na infraestrutura para promover o crescimento econômico (LIMONCIC, 2009). Como parte desse esforço da administração Roosevelt, foram estabelecidas as bases de um Bem Estar Social nos Estados Unidos, sem a dimensão das versões europeias, mas com uma estrutura mínima para oferecer auxílio aos trabalhadores. Os programas do *New Deal* foram importantes para amparar os trabalhadores, mas não foram suficientes para reverter o quadro crítico, somente com impulso causado pela Segunda Guerra Mundial através da indústria bélica, a economia norte-americana voltaria a demonstrar o vigor do período anterior à Grande Depressão (GERSTLE; FRASER, 1999).

A militância negra ao longo da década de 1930 insistiu na aprovação de uma lei antilinchamento. Desde a virada do século, principalmente através das ações de Ida B. Wells - uma figura importante do ativismo que se dedicou ao problema do linchamento no sul do país -, as lideranças negras se articulavam com o objetivo de buscar apoio para coibir a violência racial. Walter White e James Weldon Johnson, ativistas proeminentes da NAACP, procuraram chegar ao presidente Franklin Roosevelt através da primeira dama Eleanor Roosevelt, que se notabilizou pela sua luta pela igualdade de direitos. Contudo o presidente evitou apoiar qualquer esforço político de confronto ao racismo, pois dependia muito dos congressistas democratas do sul para viabilizar a sua agenda (KATZNELSON, 2014). A luta contra o racismo não foi uma prioridade do governo de Roosevelt que reproduziu a abordagem dos presidentes anteriores de manifestar repúdio aos atos violentos contra população afro-americana sem institucionalizar nenhuma ação contra as práticas racistas da sociedade norte-americana. Apesar da resistência do presidente, o *Chicago Defender* acompanhou com certa esperança, ao longo da década, as mobilizações de lideranças negras pela aprovação de medidas contra o linchamento:

As demandas da nossa raça, como foram manifestadas pelo recente Congresso Nacional de Negros pela igualdade, o fim do linchamento e outras formas de opressão nacional, serão apresentadas para o presidente Roosevelt e as duas câmaras do Congresso norte-americano em 14 de março. Neste encontro, um comitê foi eleito para apresentar as propostas em Washington (*Chicago Defender*, 7 de março de 1936, p. 1).

Ainda que o presidente refutasse qualquer esforço para a articulação de congressistas para a aprovação de políticas para a população negra, alguns programas do *New Deal* tiveram um impacto positivo. O PWA – Public Works Administration – foi uma das iniciativas mais populares entre os negros, com o emprego da mão de obra dos trabalhadores nas obras de infraestrutura como estradas, pontes, escolas e hospitais através de grandes investimentos federais. Já o CCC – Civilian Conservation Corps – foi importante para os jovens negros desempregados, que se ocuparam

com a preservação e o desenvolvimento de recursos naturais. O programa demonstrou-se uma importante opção de trabalho em áreas onde a taxa de desemprego chegava a 40 por cento entre os afro-americanos. Essas iniciativas foram concebidas em um contexto de discriminação racial sistemática e reproduziram as assimetrias entre negros e brancos que se manifestavam em outras esferas sociais, entretanto as limitações não foram suficientes para comprometer a imagem de Franklin Roosevelt entre as camadas mais populares. A percepção entre os negros era a de que, pela primeira vez, o governo norte-americano se empenhava em criar política para auxiliá-los durante uma crise econômica (WEISS, 1983).

Outra iniciativa que contribuiu para a boa reputação do presidente entre a população negra foi a formação do Gabinete Negro. O grupo, liderado pela militante Mary Mcleod Bethunes, não foi reconhecido oficialmente pelo governo, mobilizando-se informalmente para indicar possíveis políticas para a população negra. Mais uma vez, a primeira dama cumpriu o papel de intermediária, possibilitando que as vozes dos membros do gabinete fossem ouvidas por Roosevelt (GREENBERG, 2009; WEISS, 1983). Nesse sentido, o Gabinete Negro se estabeleceu como um órgão consultivo com capacidade limitada para pressionar o presidente, esta era uma iniciativa de negros democratas que ascenderam nas redes clientelistas do partido e foram indicados para ocupar algumas funções em agências federais em uma burocracia de segunda linha. Em seus encontros, geralmente realizados nas residências das principais lideranças, os membros do gabinete comparavam dados coletados sobre os impactos das políticas do *New Deal* sobre a população negra, demonstrando sempre o desequilíbrio na distribuição de recursos causados pelas práticas racistas do funcionalismo público e denunciando-as na imprensa negra. O Gabinete Negro, apesar de atuar de maneira restrita, teve um impacto simbólico profundo e reforçou a ideia de que Roosevelt era um homem sensível à questão racial, ainda que seus gestos provassem o contrário.

Nos primeiros quatro anos, o quadro não havia se alterado para os negros dos Estados Unidos. Os conservadores do Partido Democrata atuaram ativamente para evitar que os negros tivessem acesso aos recursos do *New Deal*, influenciando na aprovação do Social Security Act (1935),

que deixou a grande maioria da população negra de fora ao restringir a cobertura aos trabalhadores da indústria e ignorar os trabalhadores agrícolas (LIEBERMAN, 2001). Neste momento, cerca de 80 por cento dos negros que habitavam as zonas rurais do sul do país viviam em casas inapropriadas em condições insalubres. Já no norte, onde supostamente as condições deveriam ser melhores, em cidades como Pittsburgh, cerca de 60 por cento dos apartamentos ocupados por negros não tinham banheiro. Não havia, portanto, nenhuma perspectiva de que o governo de Franklin Roosevelt seria capaz de reverter os efeitos da Grande Depressão sobre os afro-americanos, reforçando ainda mais as desigualdades (GREENBERG, 2009). Contudo o ano de 1936 foi de grande mudança no jogo eleitoral, com uma maioria negra votando para o candidato democrata e abandonando o “Partido de Abraham Lincoln”. Nos estados onde os negros conseguiram afirmar o direito de voto, Roosevelt conquistou em média 60 por cento dos votos. Na cidade de Nova Iorque, uma das principais bases eleitorais do presidente, 80 por cento dos negros votaram para o democrata. Já em Chicago, onde republicanos ainda demonstravam grande força, a porcentagem foi de 48 por cento (WEISS, 1983, p. 206.)

A virada entre o eleitorado negro, no entanto, não ocorreu de maneira homogênea. Como observa a historiadora Nancy Weiss (1983), as camadas mais populares e os mais jovens foram os grandes responsáveis pelas mudanças. Os mais pobres reconheceram os benefícios, ainda que limitados, dos programas do *New Deal* e a uma nova geração de eleitores na década de 1930, que não tinha o presidente Abraham Lincoln e Partido Republicano como referências na luta pela igualdade de direitos, votou nos democratas sem demonstrar nenhum remorso. O *Chicago Defender* não acompanhou essa tendência do eleitorado negro. Em seu editorial, o periódico manifestou sua oposição à reeleição de Roosevelt e curiosamente reconheceu perspectivas positivas no governo democrata que poderiam desestruturar os “antagonismos raciais”:

O povo americano, em uma ampla maioria, reelegeu o Presidente Roosevelt. Assim como outros cidadãos americanos, o *Chicago Defender* o parabeniza, mas sem desculpas por expressar oposição a sua eleição.

O grande número de votos recebidos pelo senhor Roosevelt demonstra claramente que ele tem a confiança da nação [...].

[...] A nova ordem social que parece ter sido criada pelo presidente Roosevelt vai reinterpretar não somente a nossa constituição e a nossa relação com a terra, mas as relações entre todos nós.

Em sua política psicológica parece que há uma determinação em reunir a nação em uma unidade orgânica – uma nação sem elementos raciais com propósitos antagonistas e um povo consciente da importância da união. Esta crença política, estranha e contrastante com algumas opiniões que circulam entre nós, parece ser extremamente radical para as nossas tradições. Não que os Estados Unidos sejam tudo, menos uma democracia, porém o país transformará em realidade o que antes eram apenas ideias difundidas de maneira hipócrita.

Nossos tradicionais partidos políticos falharam em compreender as mudanças que aconteceram nas bases econômicas da nossa democracia. Eles falharam em levar em consideração, enquanto a população crescia, que a luta pela existência era cada vez mais intensa. Essas falhas abriram espaço para a atuação do Presidente Roosevelt, que ganhou a confiança do público. A eleição deu grande responsabilidade a ele, mas ela deve ser compartilhada entre todos os cidadãos americanos (*Chicago Defender*, 14 nov. 1936, p. 16).

O excerto acima manifesta a percepção do *Chicago Defender* sobre as mudanças econômicas e sociais durante o *New Deal*, entretanto o jornal continuaria a questionar as políticas do governo de Franklin Roosevelt, sobretudo a falta de iniciativa para conter a violência racial nos estados sulistas. Apesar da identificação de um processo de coesão da nação em torno da liderança de Roosevelt, o periódico negro continuou a denunciar o terror de grupos racistas organizados como a Ku Klux Klan e os Camélias Brancas que continuavam a linchar e assassinar cidadãos negros. Nesse sentido, o novo acordo proposto pelo presidente, que passaria a valorizar

os “homens esquecidos”¹, parecia não incluir a população afro-americana, ignorando a hierarquia racial que atravessava a sociedade norte-americana.

Nós chamamos a atenção para o terror contra os homens negros em Fountain Inn e Simpsonville, na Carolina do Norte. Nada foi feito ainda no Departamento de Justiça sobre este caso. Nosso povo espera alguma ação de Frank Murphey, que por anos faz parte do quadro executivo da NAACP.

As páginas da imprensa negra estão cheias de notícias de casos de segregação e discriminação contra homens e mulheres negras. Essa é uma desgraça nacional.

Pense no nosso Congresso Nacional se apressando para adiar o debate para evitar que a questão da Lei Antilinchamento não seja levantada. É possível que tal comportamento continue sem que se manifeste uma voz de indignação?

Este é o momento para levar adiante especificamente a luta da América negra. Esta é uma questão fundamental. O nível de exploração política, econômica e cultural ao qual está submetido a América negra marca o nível da reação que afetará toda a sociedade americana (*Chicago Defender*, 11 nov. 1939, p. 14).

O *Chicago Defender* procurou chamar a atenção de seus leitores para a situação dramática da população afro-americana. Se havia um processo de expansão institucional da democracia sob o *New Deal*, por outro lado os negros ainda apareciam marginalizados e imobilizados pelas práticas racistas. A denúncia de uma articulação de congressistas para barrar o debate sobre o linchamento revelou a impotência, frequentemente presente nas falas de diferentes atores do ativismo negro, diante de lideranças e políticos compromissados com a supremacia racial. O texto do jornal, no entanto, prenunciou um levante negro nos Estados Unidos que seria proporcional ao grau de opressão sobre a “América Negra”. Naquele momento o *Chicago Defender* propôs uma plataforma pragmática para Roosevelt, definindo uma

¹ O termo “homen esquecido” (*forgotten man*) foi utilizado pelo presidente para se referir às classes populares atingidas pela Grande Depressão.

agenda para os negros que não fosse restrita às categorias de classe. Para os jornalistas do periódico e grande parte das lideranças negras era necessário formular ações específicas de integração racial:

- 1- Abertura de todas as profissões e sindicatos tantos para negros quanto para brancos;
 - 2- Representação no gabinete do Presidente;
 - 3- Engenheiros e bombeiros negros em todas as ferrovias e empreendimentos controlados pelo governo federal;
 - 4- Representação em todos os departamentos das forças policiais em todos os Estados Unidos;
 - 5- Escolas governamentais abertas para todos os cidadãos norte-americanos, estrangeiros preferencialmente;
 - 6- Condutores negros em todas as ferrovias dos Estados Unidos;
 - 7- Motoristas negros em linhas de ônibus;
 - 8- Legislação federal para eliminar o linchamento;
 - 9- Direitos iguais para todos os cidadãos norte-americanos
- (*Chicago Defender*, 9 nov. 1935, p. 23).

As propostas pretendiam eliminar as barreiras raciais em espaços comprometidos por práticas sistemáticas de discriminação e estratégicos para promover a mobilidade social de negros de algumas categorias profissionais. Entretanto as políticas integracionistas somente passariam a fazer parte da agenda do *New Deal* a partir da Segunda Guerra Mundial, momento no qual o eleitorado negro se transformaria definitivamente em grupo de pressão com capacidade de influenciar as eleições presidenciais. Ao longo da década de 1940, os presidentes Franklin Roosevelt e Harry Truman foram obrigados a incorporar algumas políticas da agenda negra com o intuito respectivamente de legitimar um discurso internacional sobre a democracia, durante a guerra, e de garantir o apoio dos negros em eleições apertadas contra republicanos e candidatos independentes (O'REILLY, 1995; GERSTLE, 2001).

Robert Abbott, fundador e editor histórico do *Chicago Defender*, não sobreviveria suficientemente para testemunhar a aprovação de ordens

executivas como a de eliminação da segregação racial nas Forças Armadas em 1948. Assim, o próprio jornal sofreria a sua mudança geracional com a morte do republicano Abbott, em 1940, e a promoção de seu sobrinho, o democrata John Sengstake, redefinindo uma política editorial simpática ao Partido Democrata.

Considerações finais

O jornal *Chicago Defender* reproduziu em suas páginas muitas disputas políticas em torno da integração racial. O periódico, assim como a maioria das lideranças negras, apostou no Partido Republicano como um canal de promoção de uma agenda de combate à violência e à segregação racial, mesmo compreendendo que os republicanos daquele momento tinham interesses distintos daqueles radicais que haviam articulado programas para a inclusão dos libertos durante a Reconstrução. Enquanto acreditaram na possibilidade do Partido Republicano de enfrentar a supremacia racial, os jornalistas do *Defender* mobilizaram representações que associavam Lincoln e a abolição, assim como difundiram narrativas que colocavam os democratas como os arquitetos da hierarquia racial norte-americana. A insatisfação com os presidentes Coolidge e Herbert Hoover, entretanto, esfriou os ânimos do periódico negro com os republicanos, processo que se acentuaria com a Grande Depressão.

Neste contexto, entretanto, a candidatura e, posteriormente, o governo de Franklin de Roosevelt pareceu não indicar caminhos para a integração racial, pelo menos na perspectiva do *Chicago Defender*. O *New Deal* não foi considerado uma alternativa para Robert Abbott e seus jornalistas, mas nutriu a esperança dos setores mais jovens e populares entre os afro-americanos. Os programas do governo, sem levar em consideração as assimetrias causadas pelo racismo, tiveram um impacto relativo, atraindo indiretamente o eleitorado negro. Porém, para o jornal negro e as lideranças, o golpe na estrutura da supremacia racial só poderia ser dado através de leis como a do antilinchamento e outras relacionadas à promoção de políticas de integração racial, o *New Deal* se apresentava apenas como um alívio para os negros que conseguiam acessar os seus programas.

A aflição que se revelou nos editoriais do *Chicago Defender* refletiu a dificuldade dos ativistas negros de acessarem as instituições políticas dos Estados Unidos influenciadas pelos defensores da supremacia racial. Foi somente a partir da década de 1940, quando o jornal perdeu a sua hegemonia na imprensa negra, que foram identificadas oportunidades na estrutura institucional da república norte-americana. Além do voto negro se fortalecer cada vez mais nas eleições, obrigando os políticos a aceitarem algumas reivindicações da agenda do ativismo negro, a Suprema Corte, conservadora e hostil às iniciativas antirracistas, foi transformada com as indicações de Franklin Roosevelt, definindo um perfil progressista de juízes abertos para as mudanças sociais em curso. Ainda que as políticas do *New Deal* tenham sido concebidas em uma estrutura racista, indiretamente abriu espaço para a atuação do movimento negro que na década de 1950 chegaria ao seu ápice com a ascensão do Movimento pelos Direitos Civis. Portanto, o governo de Roosevelt teve grande responsabilidade na atração dos eleitores negros para o Partido Democrata, determinando uma tendência que ainda hoje se sustenta na política norte-americana.

Referências

- DAVIS, Deborah. *Guest of Honor*. Booker T. Washington, Theodore Roosevelt, and the White House dinner that shocked a nation. New York: Atria, 2012.
- DUBOIS, W.E.B. *As almas da gente negra*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.
- FONER, Eric. *Reconstruction: America's unfinished revolution (1863-1877)*. New York: Harper & Row, 1988.
- FRAZIER, Edward Franklin. *Black bourgeoisie*. Nova York: Free Press Paperbacks, 1997.
- FREDRICKSON, George. *White Supremacy: a comparative study in American and South African history*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1981.

- GROSSMAN, James R. *Land of Hope: Chicago, Black Southerners, and the Great Migration*. University of Chicago Press, 1989.
- GERSTLE, Gary; FRASER, Steve (Org.). *The rise and fall of New Deal order (1930-1980)*. Princeton: Princeton University Press, 1989.
- GERSTLE, Gary. *American Crucible: race and nation in the Twentieth Century*. New Jersey: Princeton University Press, 2001.
- GREENBERG, Cheryl Lynn. *To ask an equal chance: African-Americans in Great Depression*. Plymouth: Rowman & Littlefield Publishers, 2009.
- GREGORY, James N. *The southern diaspora: how great migrations of black and white southerners transformed America*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2005.
- GUGLIEMO Thomas A. *Whites on Arrival: Italians, race, color, and power in Chicago, 1890-1945*. New York: Oxford University Press, 2004.
- GURIN, Patricia. *Hope and independence: blacks response to electoral and party politics*. New York: Russel Sage Foundation, 1989.
- JORDAN, William G. *Black newspapers and America's war for democracy, 1914-1920*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2001.
- KATZNELSON, Ira. *Fear itself: the New Deal and the origins of our times*. New York: Liveright Publishing, 2014.
- KYVIG, David E. *Daily Life in the United States, 1920-1940: how Americans lived through the "Roaring Twenties" and the Great Depression*. New York: Ivan R. Dee, 2004.
- LAWSON, Alan. *A commonweath of hope: the New Deal response to crisis*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2006.
- LIEBERMAN, Robert C. *Shifting the color line: race and the American welfare state*. Cambridge: Harvard University Press, 2001.
- LIMONCIC, Flavio. *Os inventores do New Deal: Estado e sindicatos no combate à Grande Depressão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- McPHERSON, James M. *Battle cry for freedom: the Civil War era*. Oxford; New York: Oxford University Press, 1988.
- O'REILLY, Kenneth. *Nixon's piano: presidents and racial politics from Washington to Clinton*. New York: Free Press, 1995.

- PALMER, Niall. *The twenties in America: politics and history*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.
- REED, Christopher Robert. *Black Chicago's First Century, 1833-1900*. Columbia; London: University of Missouri Press, 2005.
- _____. *A study of Black politics and protests in Depression-Decade Chicago, 1930-1939*. Tese (PhD in History) - Kent State University, 1982
- SITIKOFF, Harvard. *A new deal for blacks: The emergence of civil rights as a national issue: the Depression Decade*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- ZIEGER, Robert H. *For Jobs and Freedom: Race and Labor in America since 1865*. Lexington: University Press of Kentucky, 2007
- WASHINGTON, Booker T. *Up from slavery*. Nova York: Dover Publications, 1995.
- WEISS, Nancy J. *Farewell to the Party of Lincoln: Black politics in the age of FDR*. Princeton: Princeton University Press, 1983.